ORIENTE MÉDIO / Celebrações de Páscoa, Pessach e Ramadã ocorrem sob confronto acirrado entre israelenses e palestinos

Em clima de tensão, fiéis se reúnem em Jerusalém

Sob forte esquema de segurança, milhares de fiéis se reuniram, ontem, em Jerusalém, para celebrações da Páscoa cristã, do Pessach judaico e do Ramadã, o mês sagrado muçulmano. Os rituais ocorreram em um momento de escalada de violência entre israelenses e palestinos, deflagrada por uma operação das forças de segurança israelenses, na última quarta-feira, na Mesquita de Al-Aqsa, considerada o terceiro local sagrado do Islã. A intervenção provocou muitas críticas internacionais e acirrou o clima na região.

Logo após a polícia invadir a mesquita em Jerusalém e prender 350 pessoas, foram disparados, do Líbano, mais de 30 mísseis em direção a Israel, na escalada mais grave, desde 2006, na fronteira entre os dois países, que tecnicamente permanecem em guerra após vários conflitos. Israel respondeu e bombardeou infraestruturas do movimento radical palestino Hamas na Faixa de Gaza, governada pelo grupo, e no sul do Líbano.

Na sexta-feira, aconteceram dois atentados. O primeiro em um assentamento judaico na Cisjordânia ocupada, resultando na morte de duas irmãs israelenses de 16 e 20 anos. O segundo, em Tel Aviv, que matou um turista italiano. Um dia depois, foguetes saíram da Síria rumo às Colinas de Golã, área anexada por Israel, e à fronteira entre os dois países. Em retaliação, forças israelenses realizaram ataques contra os sírios visando um complexo militar e postos de radar e artilharia.

Nesse cenário de tensões acirradas, a Cidade Antiga, em Jerusalém Oriental, amanheceu ontem com o policiamento reforçado por autoridades israelenses. O local é conhecido como ponto de confronto entre as três religiões e tem registrado um aumento considerável de episódios de violência desde a operação na mesquita.

Centenas de fiéis compareceram, durante a manhã, à missa de Páscoa no Santo Sepulcro, um local sagrado disputado por várias denominações cristãs. A uma distância relativamente curta, milhares de judeus visitaram o Muro das Lamentações para a tradicional bênção dos Kohanim. Quase 500 judeus visitaram a Esplanada das Mesquitas antes do meio-dia, enquanto os fiéis muçulmanos rezavam pelo Ramadã.

Não foram registrados confrontos, mas visitantes externalizaram insatisfações. "Acredito que Jesus e Deus sofrem por estarmos divididos entre cristãos. Mesmo aqui estamos divididos, lamentavelmente, e há muita violência", disse, à agência France-Presse de notícias (AFP), a freira Elizabeth, missionária do Chade. "A situação não é muito boa", declarou, Mahmud Mansur, um palestino de 65 anos que também lamentou o fato de a polícia apoiar as visitas de judeus para "deixar de lado os muçulmanos". "Mas vamos lutar e esperamos (...) que um dia exista paz em Jerusalém", completou.

A Esplanada Sagrada é um poderoso símbolo de identidade religiosa e política para israelenses e palestinos. Para os judeus, é conhecida como o Monte do Templo, onde ficavam o Primeiro e o Segundo Templos da fé. Para os muçulmanos, é o Santuário Nobre, onde o profeta Maomé ascendeu aos céus. Em tese, os judeus não podem entrar no Monte do Templo, por proibição dos rabinos, mas muitos ignoram o veto. As visitas aumentaram nos últimos anos e são vistas com desconfiança por muitos palestinos, que temem que Israel planeje um dia assumir o controle do local ou dividi-lo.

Segundo o embaixador de Israel no Brasil, Daniel Zohar Zonshine, o país "está empenhado em manter o status quo no Monte do Templo e permitir aos fiéis acesso livre e seguro a todos os locais sagrados". "Nos últimos dias, em meio às celebrações de Pessach, Ramadã e Páscoa, houve muitas tentativas de provocar e criar confrontos entre israelenses e palestinos em Jerusalém e outros lugares. Pessoas que vêm a uma mesquita com paus, pedras e fogos de artifício não vêm para rezar, mas para provocar", relatou, em nota.

"Eixo de resistência"

Em contraponto, líderes do Hezbollah, o movimento libanês que tem um braço armado, e do Hamas, o grupo radical islâmico palestino, se reuniram em Beirute para falar sobre a "cooperação" contra Israel, segundo o grupo libanês. Ismail Haniyeh, líder do Hamas, se encontrou com o líder do Hezbollah, Hassan Nasrallah, na capital do Líbano. O dia da conversa não foi divulgado, mas Haniyeh está em Beirute desde quarta-feira, quando houve a operação na Mesquita de Al-Aqsa.

Durante a reunião, os dois discutiram a "intensificação da resistência na Cisjordânia em Gaza", os acontecimentos na mesquita, "a disponibilidade do eixo de resistência" e a cooperação entre seus membros diante do acirramento dos conflitos, relata um comunicado do Hezbollah. O "eixo de resistência" é uma referência a palestinos, libaneses, sírios e outros grupos apoiados pelo Irã que se opõem a Israel.

AFP



Homens da segurança de Israel caminham perto da Mesquita de Al-Aqsa: operação, na quarta-feira, gerou críticas internacionais

Papa condena violência

Na tradicional bênção Urbi et Orbi (à cidade e ao mundo), o papa Francisco condenou os "obstáculos" que impedem a paz no mundo, incluindo a nova espiral de violência no Oriente Médio. Diante de 100 mil fiéis reunidos na Praça de São Pedro do Vaticano, o pontífice expressou "profunda preocupação" com a nova onda de tensão no Oriente Médio, que ameaça o "desejado clima de confiança e respeito recíproco, necessário para retomar o diálogo entre israelenses e palestinos". Durante a bênção, Francisco também mencionou a invasão da Ucrânia por tropas da Rússia e fez um apelo a confortar "os feridos" e os que perderam "entes queridos por causa da guerra". Antes, o líder da Igreja Católica, internado recentemente devido a problemas respiratórios, celebrou a missa do Domingo de Páscoa e percorreu a Praça de São Pedro no papamóvel.

AFP



ÁSIA

China simula ataques a "alvos cruciais" de Taiwan

No segundo dia de exercícios militares no Estreito de Taiwan, Pequim simulou "ataques de precisão" contra "alvos cruciais" na ilha que fica na costa sudeste da China e "em águas circundantes". As manobras, que têm término previsto para hoje, foram iniciadas logo após visita da presidente de Taiwan, Tsai Ingwen, aos Estados Unidos, quando se reuniu com o líder da Câmara de Representantes, Kevin McCarthy. Para o governo chinês, que considera a ilha de Taiwan parte de seu território, o encontro entre os líderes representa uma ameaça.

Segundo a televisão estatal do país, para as operações de ontem, foram mobilizadas dezenas de aviões e tropas de ação em solo. Os militares contaram ainda com contratorpedeiros, um tipo de navio de guerra rápido, lanchas de alta velocidade, aviões de combate e outros tipos de equipamentos bélicos. Os exercícios de sábado foram considerados o ensaio de um "cerco total" à ilha.

Pequim havia se comprometido a responder à reunião de Tsai com soluções "firmes e contundentes". Ontem, o Ministério da Defesa de Taiwan registrou 11 navios de guerra e 70 aviões chineses ao redor da ilha, apenas um avião a menos que o averiguado no dia anterior. A pasta afirmou que responde às manobras "com calma e serenidade".

A promessa é de que, nas simulações de hoje, sejam usadas munições letais perto da costa de Fujian, uma província que fica diante da ilha. As práticas com dimensão "operacional" buscam mostrar que o Exército chinês estará de prontidão, "caso as provocações se intensifiquem", para "resolver a questão de Taiwan de uma vez por todas", declarou, à agência France-Presse (AFP) de notícias, o analista militar Song Zhongping.

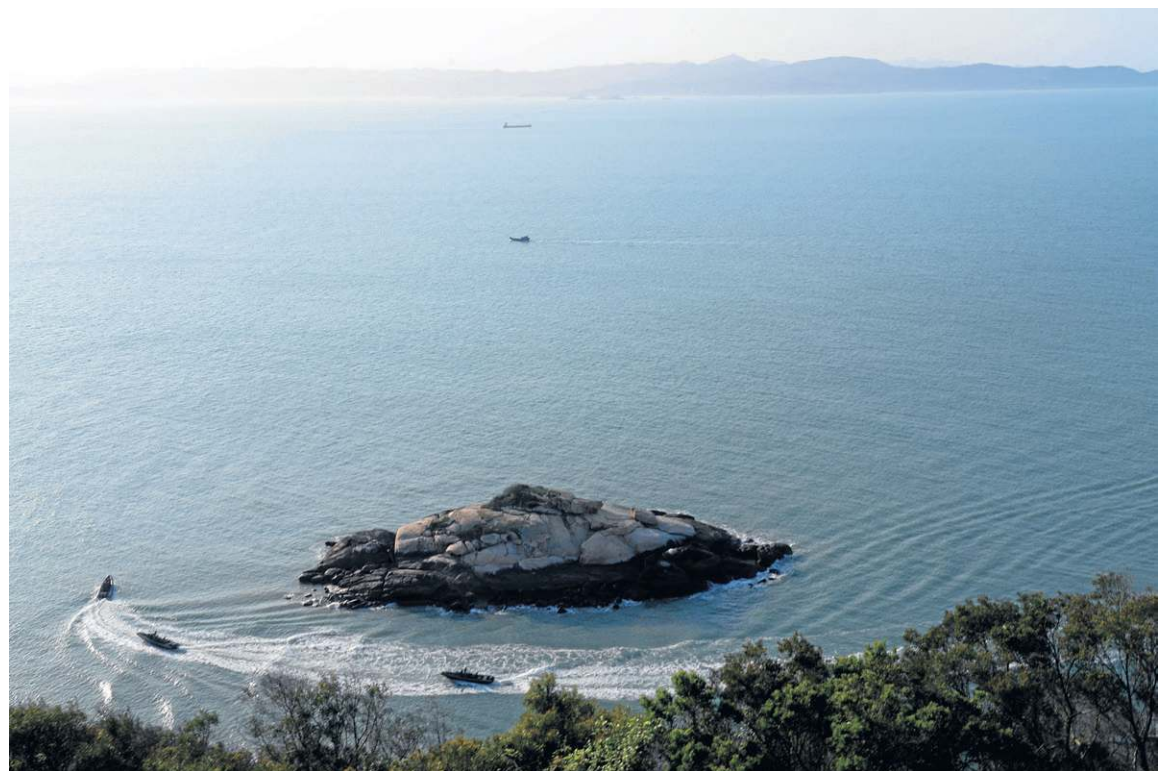
"Autoritário"

No sábado, a presidente de Taiwan apontou para o "expansionismo autoritário" da China e afirmou que a ilha "continuará trabalhando com os Estados Unidos e outros países (...) para defender os valores da liberdade e da democracia". Ontem, o Departamento de Estado americano afirmou, em nota, que "não há razão para Pequim transformar a reunião em algo que ela não é e usá-la como pretexto para reagir de forma exagerada".

Essa aproximação incomoda, há tempos, Pequim, que avalia que o país norte-americano oferece apoio militar à província e que a relação ameaça a soberania e integridade chinesas. Em agosto do ano passado, o governo chinês realizou manobras militares sem precedentes ao redor de Taiwan e disparou mísseis como reação a uma visita à ilha da democrata Nancy Pelosi, antecessora de McCarthy na presidência da Câmara de Representantes estadunidense.

Para o gigante asiático, não deveria haver esses contatos oficiais porque, em 1979, os Estados Unidos reconheceram a República Popular da China baseando-se no princípio de "uma só China". Pequim considera Taiwan uma de suas províncias, mas ainda não unificada ao restante do território após o fim da guerra civil, em 1949.

AFP



Barcos militares de Taiwan patrulham as Ilhas Matsu, com vista para a província chinesa de Fujian (ao fundo)